

ADESÃO DE IDOSAS RURAIS À MAMOGRAFIA COMO EXAME DE RASTREAMENTO PARA O CÂNCER DE MAMA

DENISE SOMAVILA PRZYLYNSKI CASTRO¹; PATRÍCIA MIRAPALHETA PEREIRA LLANO²; LETÍCIA POLOTTO CASAGRANDE³; ANDRESSA HOFFMANN PINTO⁴; CARLA ALBERICI PASTORE⁵ CELMIRA LANGE⁶

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação Enfermagem UFPel – deprizi@gmail.com
Bolsista FAPERGS

²Doutoranda do Programa de Pós Graduação Enfermagem UFPel – patihepp@yahoo.com.br
Bolsista CAPES

³Mestranda do Programa de Pós Graduação Enfermagem UFPel - cissapc@yahoo.com.br
Bolsista CAPES

⁴Enfermeira. Mestre – Faculdade de Enfermagem UFPel – deessa_h_p@hotmail.com

⁵Nutricionista - Doutora – Faculdade de Nutrição UFPel - pastorecarla@yahoo.com.br

⁶Docente do Programa de Pós Graduação Enfermagem UFPel – celmira_lange@terra.com.br - orientadora

1. INTRODUÇÃO

O câncer de mama é o tipo de câncer que mais acomete as mulheres em todo o mundo, configurando-se como um importante problema de saúde pública. Segundo estimativas do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) para os anos de 2014/2015 são esperados mais de 57 mil novos casos da doença no Brasil (INCA, 2014).

A idade é um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento do câncer de mama. Aproximadamente, de cada cinco casos de câncer de mama, quatro ocorrem após os 50 anos (INCA, 2014). Baseado nessa evidência, o Ministério da Saúde, preconiza a mamografia como exame de rastreamento para o câncer de mama após os 50 anos, com intervalo de dois anos, e nas mulheres com alteração no exame clínico das mamas e história familiar deste tipo de câncer, indica-se o rastreio precoce (BRASIL, 2013).

O rastreamento do câncer de mama por meio da mamografia é a estratégia adotada em países que a incidência da doença é elevada, sendo este, o único exame com capacidade de detectar lesões não palpáveis, e causar impacto na mortalidade por câncer de mama, já que a doença é descoberta no seu início (BRASIL, 2013; USPSTF, 2009). O objetivo do estudo é identificar a adesão das idosas rurais à mamografia como exame de rastreamento para o câncer de mama.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é originado de um grande estudo denominado “Prevalência e fatores associados à síndrome da fragilidade na população idosa”, coordenado pela Prof^a Dr^a Enf^a Celmira Lange. Estudo de abordagem quantitativa, delineamento corte transversal, analítico, de base populacional com idosos de 60 anos ou mais cadastrada na UBS-ESF da zona rural da cidade de Pelotas. A coleta de dados ocorreu no período de julho a outubro de 2014, e teve como amostra, 820 idosos de ambos os sexos. Foi utilizado instrumento com questões relativas as variáveis sociodemográficas, socioeconômicas, medidas preventivas para os diferentes tipos

de câncer, adotadas pelos idosos, ainda foram contempladas questões referentes às quedas nesta população, capacidade funcional e morbidades.

Para o levantamento dos participantes do estudo foi realizado um sorteio prévio dos prontuários das UBS-ESF que possuíam idosos na residência, todos os idosos da residência contemplada no sorteio foram convidados a participar do estudo. As entrevistas foram realizadas por voluntários acadêmicos de enfermagem, mestrandas e doutorandas do PPGEinf/UFPel previamente capacitados. A digitação dos dados, ocorreu na forma de dupla entrada por digitadores independentes no software epi info 6.04 e após transferida para o STATA 11.1. As análises foram realizadas no software STATA. Esta pesquisa observou a Resolução 446/2012, que trata sobre a pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto teve parecer positivo por meio do número 649.802, de 19 de maio de 2014.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O rastreamento para o câncer de mama é uma prática utilizada apenas nas mulheres, portanto a amostra deste estudo foi composta por 460 idosas residentes em área rural cadastrados em UBS-ESF. A caracterização das idosas pode ser observada na tabela abaixo.

Tabela 1. Caracterização de idosas rurais do município de Pelotas/RS, 2014.

Idade	N = 460	100%
60 – 69 anos	252	54,79%
70 – 79 anos	149	32,39%
80 – 89 anos	52	11,30%
90 anos ou mais	7	1,52%
Escolaridade		
Sem estudo/não informado	79	17,17%
1 a 4 anos	274	59,57%
5 a 8 anos	87	18,91%
9 anos ou mais	20	4,35%
Cor de pele		
Branca	420	91,30%
Não Branca	40	8,70%
Situação conjugal		
Com companheiro	289	62,83%
Sem companheiro	171	37,17%
Realizou mamografia		
Sim	315	68,48%
Não	138	30%
IGN	7	1,52%
Último ano da realização da mamografia		
Antes de 2000	7	2,22%
2000 a 2005	23	7,30%
2006 a 2010	45	14,28%
2010 a 2014	237	75,25%
IGN	3	0,95%

A idade em que as idosas rurais mais realizaram a mamografia foi entre 60 e 69 anos, dado que vai ao encontro do estudo de Novaes e Mattos (2009), em que esta faixa etária também prevaleceu na realização do exame. Em relação a escolaridade das idosas participantes do estudo, aproximadamente 60% tinham de um a quatro anos de estudo. Estes dados, corroboram com os dados de um estudo de base populacional realizado por Amorim et al (2008) na cidade de Campinas/SP, neste estudo, a escolaridade predominante também foi de até 4 anos, embora não seja um estudo exclusivo com a população idosa, esta população se mostrou expressivamente presente, com mais de 70% de participantes idosas.

Em relação à realização da mamografia, 68,48% (315) já haviam realizado pelo menos uma vez a mamografia. Em um estudo realizado por Novaes e Mattos (2009), quando foi entrevistado 4.621 idosas em uma campanha de vacinação contra a gripe, 72,1% já haviam realizado o exame da mamografia, e destas, 97,7% o realizaram para rastreamento do câncer de mama e não para o diagnóstico.

Outro dado importante, é que mais de 75% das idosas que realizaram o exame, o fizeram nos últimos quatro anos. Segundo Moreira et al (2013) a lei nº 11.664 de 2009 do Ministério da Saúde que garante assistência à saúde mamária para as mulheres em todo o Brasil pelos serviços públicos de saúde, estimula os profissionais a sensibilizar as mulheres para a importância da realização do exame, o que pode explicar o aumento no número das mamografias a partir do ano de 2009.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que as idosas participantes do estudo, na sua maioria já realizaram o exame de mamografia para o rastreamento do câncer de mama. O câncer de mama quando diagnosticado precocemente possui um bom prognóstico e tratamentos menos invasivos, desse modo, faz-se necessário o incentivo à realização do exame para que as mulheres possam ter a oportunidade de um tratamento precoce e bem sucedido. Além das medidas de rastreamento para o câncer de mama, é preciso também investir em ações de promoção da saúde, utilizando medidas educativas que destaquem os fatores de risco para este câncer e também seus fatores de proteção. Ressalta-se ainda que as participantes do estudo fazem parte de unidades básicas de saúde com Estratégia de Saúde da Família, portanto acredita-se que este fato esteja relacionado à boa adesão aos exames de rastreamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, V.M.S.L., BARROS, M.B.A., CÉSAR, C.L.G., GARANDINA, L., GOLDBAUM, M. Fatores associados a não realização da mamografia e do exame clínico das mamas: um estudo de base populacional em Campinas, São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. v. 11, n.24, p. 2623-2632, 2008.

Brasil. Ministério da Saúde. **Controle dos cânceres do colo do útero e da mama** – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013, 124 pag.

CONSELHO NACIONAL DA SAÚDE. **Resolução 466/12**. Disponível em conselho.saude.gov.br/resoluções/2012/Reso466.pdf. Acesso em 20 de maio de 2014.

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). **Estimativa 2014:** Incidência de Câncer no Brasil. Rio de Janeiro, INCA, 2014, 124 pag.

MOREIRA, C.B., BEZERRALL, K.C., MENDES, I.C., SANTOS, M.C.L., ORIÁ, M.O.B., FERNANDES, A.F.C. Prevalência do exame mamográfico em mulheres brasileiras no período de 2009 a 2010. **Rev. enferm. UERJ**, v. 2, n. 21, p. 151-155, 2013.

NELSON, H.D., TYNE, K., NAIK, A. BOUGASTSOS, C., CHAN, B.K., HUMPRHREY, L. Screening for Breast Cancer: An Update for the U.S. Preventive Services Task Force. **Annals of Internal Medicine**. v. 151, n. 10, p. 727-737, 2009.

NOVAES, C.O., MATTOS, I.E. Prevalências e fatores associados a não utilização de mamografia em mulheres idosas. **Cad. Saúde Pública**. p. 310-320, 2009.